



As Mediações Estruturais na Recepção Televisiva em Comunidades Ribeirinhas¹

Bruno FUSER²

Mayra de Oliveira SÁ³

Pablo Olímpio Vieira ABREU⁴

Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais

Este texto mostra a importância das mediações estruturais, ou de referência, na recepção televisiva entre moradores de comunidades ribeirinhas localizadas nas Reservas de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá e Amanã, AM. A partir de 10 entrevistas semi-estruturadas, verificamos que o aspecto religioso é mediação bastante forte na apreciação crítica de novelas e filmes, em que se fizeram presentes diversos valores conservadores; outro aspecto da mediação estrutural (o pertencimento a tais comunidades) também se percebeu na importância que os noticiários têm como fator de contato desses moradores com outras regiões do Brasil, das quais estão bastante distantes, tanto do ponto de vista geográfico como cultural. Apoio: CNPq

PALAVRAS-CHAVE: recepção televisiva; comunicação; identidades regionais

1. Introdução

Este artigo apresenta as primeiras análises desenvolvidas pela pesquisa “Comunicação e recepção televisiva: análise do fluxo televisivo em comunidades ribeirinhas das Reservas de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá e Amanã, AM”. A pesquisa, que possui apoio do CNPq, coordenada por Bruno Fuser (UFJF) e Thiago Figueiredo (IDSM), está voltada para o estudo da recepção televisiva em quatro comunidades ribeirinhas localizadas em unidades de conservação da Amazônia.

As unidades de conservação (UC) são áreas territoriais com importantes características naturais e legalmente instituídas pelo Poder Público como prioritárias para conservação. Contam com um regime especial de administração e visam conservar os recursos naturais e a biodiversidade local, constituindo-se possivelmente na principal proposta dos governos para diminuir os efeitos da destruição dos ecossistemas no Brasil e no mundo.

Em duas RDS brasileiras estão localizadas as comunidades de Boa Esperança, Nova Olinda (RDS Amanã), Boca do Mamirauá e Canariá (RDS Mamirauá), respectivamente nos municípios de Alvarães e Maraã. O objetivo principal da pesquisa é justamente estudar de que formas os moradores dessas comunidades interagem com

¹ Trabalho apresentado na DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul e realizado de 26 a 28 de maio de 2011.

² Professor adjunto 3 na UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: bruno.fuser@ufjf.edu.br

³ Estudante do 5º semestre do Curso de Jornalismo da UFJF, bolsista PIBIC/CNPq. E-mail: mayra.jor@gmail.com

⁴ Estudante do 6º semestre do Curso de Jornalismo da UFJF, bolsista PIBIC/CNPq. E-mail: abreu.pablo@hotmail.com



um meio de comunicação específico, a televisão, que usualmente não tem como temática a realidade de tais localidades, nem difunde discursos e modelos culturais próprios a elas.

As comunidades Boa Esperança, Nova Olinda, Canariá e Boca do Mimirauá são as comunidades escolhidas para o estudo, possuem 212, 124, 249 e 57 moradores respectivamente e situam-se na região do médio Solimões, no Estado do Amazonas, dentro das RDS Mimirauá e Amanã. As duas RDS estão sob gestão do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mimirauá (IDSM), abrangem aproximadamente três milhões de hectares⁵ e estão administrativamente vinculadas aos municípios de Alvarães, Uarini, Maraã, Fonte Boa, Jutai, Barcelos, Coari e Codajás. Nas reservas estão localizadas 297 comunidades – 218 comunidades na RDS Mimirauá e 79 comunidades na RDS Amanã –, envolvendo uma população de cerca de 15 mil moradores. A grande diferença das outras categorias de unidades de conservação é a possibilidade de permanência da população tradicional na área como forma de fiscalizar, conservar e manejar de forma sustentável os recursos naturais existentes, através da gestão participativa.

As comunidades de várzea, localizadas dentro dessas UC, se ressentem da falta de infra-estrutura básica, além de manterem uma grande distância do centro da cidade, dificultando o acesso a informações, ao comércio, a saúde, entre outros serviços e direitos. Os moradores estão sujeitos a períodos anuais de enchente, cheia, vazante e seca, o que lhes causa graves problemas de abastecimento de água e de acesso aos recursos naturais. A renda durante a cheia reduz-se em 75%. Mas, apesar de todo esse isolamento, os mesmos possuem televisores conectados a antenas parabólicas e que funcionam por geradores termoelétricos basicamente das 16h as 22h, horário considerado de maior audiência na televisão brasileira. A presença relativamente recente da televisão nessas comunidades, que contam com energia há poucos anos e de forma bastante restrita e irregular, é fator essencial para a realização de estudos como este, voltados para a relação e a importância de novos hábitos, novas sociabilidades que se estabelecem a partir da recepção televisiva.

2. Referenciais teóricos

Os estudos de recepção, que constituirão nosso principal referencial teórico-metodológico, têm se intensificado desde a virada da década de 1980. Um dos

⁵ Semelhante à área da Bélgica, 30.528 km², ou seja, 3,05 milhões de hectares.



precursores de uma visão que em alguns aspectos coincide com a da teoria da recepção é Sérgio Micelli, que em 1972, em sua pesquisa sobre o programa televisivo de Hebe Camargo, argumenta que a apropriação de bens culturais se dá de maneira diferenciada, heterogênea, relativizando os mecanismos de imposição da indústria cultural (MICELLI, 1972).

A partir da década de 1980 os estudos de recepção começam a encontrar sua consistência, e se difundem bastante no Brasil nos anos seguintes, em especial com a influência da Escola Latino-Americana, formada por pesquisadores como Guillermo Orozco-Gómez, Jesús Martín-Barbero e Nestor García Canclini. Um elemento, nesses estudos, se destaca: as mediações. Destaca Martín-Barbero (1987, p. 207; trad. nossa): "(...) O campo que denominamos *mediações* se acha constituído pelos dispositivos através dos quais a hegemonia transforma desde dentro o sentido do trabalho e a vida da comunidade".

Orozco-Gómez se dedica bastante ao estudo das mediações, e propõe o modelo de mediações múltiplas. Para ele, o paradigma tradicional de análise da interação entre televisão e televidente estava focado num determinado momento: o de ligar o aparelho, selecionar o programa, mudar de canal, distrair-se em relação ao programa e desligar o televisor (OROZCO-GÓMEZ, 1991, p.28). Pesquisas mostraram, contudo, que as decisões de ligar e desligar o aparelho “não são atos espontâneos e isolados dos sujeitos receptores, mas sim há repetições que sugerem *padrões* para ‘ver televisão’” (idem, p.29; gr. do A., trad. nossa).

Entre essas instâncias responsáveis pelas diversas formas de apropriação estão grupos de amigos, vizinhos, colegas de trabalho. “No processo de recepção ocorrem diversas mediações: cognoscitivas, culturais, situacionais, estruturais e, sem dúvida, aquelas que se originam do próprio meio televisivo e da intencionalidade do emissor” (idem, p.30; trad. nossa).

As mediações *cognoscitivas* são aquelas que incidem no processo do conhecimento. (...) O processo de conhecimento, por sua vez, está influenciado pela cultura. [*mediações culturais*] (...) As diversas "identidades" do sujeito receptor: cultural, sexual, étnica, socioeconômica e até sua procedência geográfica constituem mediações [*de referência, ou estruturais*] no processo de assistir televisão (...) As diversas *mediações institucionais* podem ser anteriores, simultâneas ou posteriores ao tempo que se está frente à televisão. (...) As instituições sociais são produtoras de sentido e significados (...) A *mediação videotecnológica* consiste fundamentalmente em uma naturalização da significação da realidade. (idem, p.30-38; gr. e trad. nossa)



3. Os ribeirinhos

Tentar compreender as formas de recepção passa por buscar entender diversas dimensões do receptor, culturais, socioeconômicas, as relações institucionais presentes. Torna-se necessário, portanto, estudar a população das comunidades ribeirinhas das RDS Mamirauá e Amanã, para poder tentar estabelecer conexões com as formas de recepção que as mesmas desenvolvem com a televisão.

Uma primeira dimensão importante a ser considerada é a da economia doméstica, que, na região, concentra-se na casa: “em Mamirauá não há separação entre as 'unidades econômicas' e as 'unidades familiares’” (LIMA, s/d, p.2) A casa é o espaço de produção, circulação e consumo. O peixe com farinha, alimentação diária fundamental, é totalmente produzida no âmbito doméstico. “Uma refeição com macarrão, arroz, ou o consumo de um pacote de biscoito são excepcionais” (idem, p.19).

A renda é resultado da venda de produtos agrícolas (farinha e banana, principalmente), de peixes e de madeiras. Os salários recebidos, por exemplo, por professores e agentes de saúde, assim como as aposentadorias rurais, também integram parte importante da renda de parte dos moradores. Verifica-se uma diferença importante entre os moradores da várzea e os de terra firme: para estes a farinha de mandioca é o principal produto, enquanto que, para os varzeiros, é o pirarucu e a madeira.

Outra característica essencial para compreender as pessoas que esta pesquisa se dedica a estudar é conhecer as peculiaridades de morar num ambiente natural, fora dos centros urbanos, sem estruturas básicas de saúde, serviços e direitos, e perto de rios que oscilam entre épocas de cheias e de secas. Esses fatores marcam profundamente a vida e o cotidiano dos ribeirinhos e influenciam diretamente no trabalho e na economia da região.

Nas comunidades ribeirinhas do Amazonas a principal unidade econômica é a casa, pois é ao redor dela que se desenvolvem as atividades que mais geram renda para a população local. A mão de obra é realizada pelo próprio núcleo familiar e a divisão do trabalho é definida de acordo com o sexo e com a idade.

De acordo com Lima (s/d), a renda monetária na região resulta da agricultura (entre os quais a farinha e a banana são os principais produtos), da venda de peixes (secos, salgados ou frescos), da venda de madeiras (para lenha, madeiras leves e pesadas, chamadas respectivamente “madeiras brancas” e “de lei”), dos salários de algumas pessoas (professores, agentes de saúde e trabalhadores ligados às reservas) e



das aposentadorias rurais. Mas nas nossas entrevistas detectamos que atualmente os auxílios governamentais, como a bolsa família e a bolsa floresta, também fazem parte das fontes de renda da população.

Nas região das RDS Mimirauá e Amanã o movimento das águas é que define o cotidiano das pessoas, em especial o calendário da produção. O ano é dividido em inverno e verão ou períodos de cheia e de seca, mas as datas de começo e fim de cada temporada e a altura que a água atinge em cada uma delas é imprevisível. Na época das cheias a subida do nível do rio desmancha as roças e a economia passa a girar em torno do que se conseguiu economizar como excedente de produção, dos salários (as poucas pessoas que os recebem), dos auxílios governamentais e da derrubada de madeira, atividade que é realizada mais para o interior, longe das margens dos rios. A renda chega a cair até 75%. Algumas famílias tentam acumular parte da produção, principalmente de farinha, para deixar reservada a esta época em que não é possível trabalhar com a agricultura. Já no período entre o plantio e a colheita, a pesca torna-se a alternativa de auto-sustentação e também de venda daqueles peixes mais procurados pelos centros regionais, que os compram nas comunidades.

4. As entrevistas

É importante assinalar que, além de pesquisa bibliográfica, foi efetuada coleta de dados de campo que seguiu duas estratégias: 30 entrevistas semi-estruturadas, com a média de 50 minutos cada, e 63 questionários, com 31 perguntas, algumas delas abertas. Esse trabalho foi realizado no período de 2 a 15 de agosto de 2010 nas quatro comunidades citadas anteriormente. No entanto, este artigo refere-se a uma interpretação ainda parcial, a partir da análise de apenas 10 das 30 entrevistas, constituindo-se, portanto, em uma primeira aproximação em termos de interpretação e reflexão, e que deve ser assim considerada.

As 10 entrevistas abrangem 16 moradores, entrevistados basicamente de duas formas: em cada comunidade se escolheram informantes-chave, aqueles moradores mais velhos ou que viviam há mais tempo no local, ouvidos quase sempre individualmente; de outro lado, foram entrevistados também moradores de sexo e faixas etárias diferentes, mas, estes, quase sempre em situação de grupo (com a esposa/marido, pais).

Estão são os entrevistados (identificados apenas pelas iniciais), que, quando não é indicado de outra maneira, trabalham com agricultura e pesca - mesmo quem tem outra atividade quase sempre possui também ao menos uma roça para fabricação de farinha de mandioca e alguns outros produtos. Percebe-se a incidência em número bem



mais expressivo de moradores da comunidade do Canariá, nesta primeira reflexão. Ainda assim, nas demais, leva-se em conta ao menos um informante-chave.

- Na comunidade do **Canariá**: F.M., 56 anos, evangélica, ex-doméstica na cidade de Tefé, onde morou após a morte do primeiro marido; F.P., 22 anos, evangélico, marido de F.M., ex-trabalhador braçal em Tefé; R., 46 anos, evangélica (informante-chave); A., 66 anos, evangélica, faz balaios, paneiras e tipitis (informante-chave); M.S., 36 anos, pastor evangélico, ex-vendedor; J.L., 40 anos, mulher do pastor, evangélica, técnica de enfermagem; Al., professora (informante-chave); A.M., 32 anos, evangélica, comerciante; N.C., 36 anos, evangélico, marido de A.M., comerciante; A.C., 14 anos, filha de A.M. e N.C., evangélica, estudante.

- Na comunidade da **Boca do Mamirauá**: N., 68 anos, evangélica, faz colares e brincos (informante-chave); D., bisneta de N.

- Na comunidade de **Nova Olinda**: D.S., 59 anos (informante-chave), católico.

- Na comunidade de **Boa Esperança**: A.S., 53 anos (informante-chave), católica; D., professora; A., professor, marido de D.

O roteiro das entrevistas realizadas com os informantes-chave e com os demais moradores e famílias foi basicamente o mesmo, com algumas alterações, tendo em vista que os ribeirinhos mais antigos possuem uma memória diferenciada em relação à história de sua comunidade. Estes foram os principais temas desenvolvidos nas entrevistas, além da identificação pessoal, idade, escolaridade, religião, estado civil:

- a relação com o trabalho, com as reservas de desenvolvimento sustentável, com outros locais onde viveu: o que faz, o que já fez na vida, o que gostaria de fazer, o que pensam das RDS, como vêem a vida nas cidades.

- o cotidiano da comunidade, em especial em relação à energia elétrica e à televisão: como era antes da chegada da energia elétrica, antes da televisão, as formas de interação social antes e depois da existência do gerador comunitário, as formas de uso da energia elétrica, a organização comunitária para manutenção do gerador, como as pessoas ficam sabendo das informações de seu interesse.

- o cotidiano da família, em especial em relação à televisão/DVD: a importância da TV/DVD na família/na casa, as formas de se assistir TV/DVD (na própria casa, no vizinho, em casa de parentes...), as eventuais mudanças nos relacionamentos e valores da família após a chegada da televisão/DVD, a escolha dos programas (quem escolhe), os programas preferidos (ou não) pelos diversos integrantes da família, a relação dos programas e da TV com a vida da família, o que os integrantes da família acham das



novelas, dos noticiários, dos filmes, das músicas, o uso e a organização familiar em relação à energia elétrica.

- que tipo de programa os moradores gostariam de ver / de participar da produção.

Que programas assistem os ribeirinhos? De tudo um pouco: noticiários, novelas, filmes (também em DVD, que é utilizado essencialmente para se ouvir música e assistir shows), variedades (futebol, programas de entretenimento, programas de auditório etc.), seriados, reality show, além de ouvir rádio. Mas, além de saber o que assistem, que valores os moradores dessas comunidades atribuem a tais programas? A análise de conteúdo das entrevistas - além da interpretação feita a partir da vivência em campo e da pesquisa bibliográfica - nos aponta algumas pistas nesse sentido.

Uma das principais possibilidades da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores quantitativos ou não. (BARDIN, 2008, p.40). Essa inferência pode ser de dois tipos. Segundo Bardin (2008) ela pode ser realizada a partir da procedência (o emissor e a situação na qual ele se encontra) ou a partir do destinatário da comunicação. Esta pesquisa abordou o último tipo ao tentar explicar quem são e como vivem os moradores das comunidades ribeirinhas e ao inferir sobre os valores que eles atribuem aos programas. A inferência varia de acordo com as condições de produção, pois fatores sociais, culturais e outros, relativos à situação da comunicação ou à produção da mensagem, também são variáveis importantes.

5. A recepção televisiva

De maneira geral, quase todos os entrevistados assistem e possuem televisão, embora, algumas vezes, a preferência recaia sobre DVD. Estes, especialmente, por evangélicos, que desta maneira podem mais facilmente escolher aquilo que querem ver, pois, embora a Record (canal aberto cujo sinal as parabólicas das comunidades conseguem receber) seja uma emissora de propriedade do bispo evangélico Edir Macedo, da Igreja Universal, nem todos os programas são de cunho religioso.

Entre as mediações de referência, ou estruturais, a religiosa parece ser uma das mais significativas no processo de recepção televisiva da população ribeirinha. Isso transparece na ênfase e nos elogios feitos à programação evangélica, e, também, em valores tradicionalmente associados à igreja católica: indissolubilidade do casamento, monogamia, heterossexualismo, etc. Ou seja, a recepção se dá em grande parte mediada



por valores tradicionais, conservadores, expressos de várias formas, em especial pelas mulheres mães de família, mas também pelos pais, e dificilmente pelos jovens.

Lá nós coloca aqueles CDs... aqueles pequeninos, né. Assim pra passar na televisão pra gente assistir os pastor cantando, falando. (N., 68 anos)

Só assisto quando coloca um hino, aí eu vou assistir! (A., 66 anos)

Mais é desenho. Às vezes é desenho evangélico, tem as passagem dos antepassados da Bíblia. (A.C., 14 anos)

Porque a televisão ela tem todas as coisa boas. Tem a parte do horário evangélico, né! Tem outras partes, porque aí a pessoa só assiste o mal se quiser. (F.M., 56 anos)

É importante assinalar que nessas comunidades ainda não se vive o momento de convergência digital - apenas uma das comunidades tem acesso a internet, e ainda assim de maneira restrita. Telefone celular - que também introduziu novas sociabilidades, em todo o mundo - apenas outra comunidade recebe, e ainda de maneira bastante rudimentar (comenta-se que é necessário ir a um ou outro determinado ponto da comunidade para que de fato se obtenha sinal). E mesmo a televisão ainda está muito longe de chegar a hábitos que se consolidam nos centros urbanos e que são decisivos nas novas formas de televidência: não existe televisão por assinatura, seja via satélite, seja a cabo; e os aparelhos de televisão são de uso familiar, e não individual.

Vive-se ali em grande medida, ainda, em termos comunicacionais, o século XX,

quando o massivo caracterizava a relação entre audiências e tela, e a propagação das telas fixas a todos os lugares permitia fazer chegar a mensagem das mesmas de maneira homogênea a grandes audiências... um autêntico fenômeno de massas, ainda que intangível (OROZCO, 2010, p.37).

A importância que teve a telenovela nesse período significou a criação de

referenciais específicos que se converteram em referenciais televisivos e culturais de milhões de audiências em termos iberoamericano e mundial. Referenciais que dificilmente se produzem hoje em dia, com exceção de campeonatos esportivos e eventos muito especiais, ante a diversificação e desagregação e rearranjos das audiências (OROZCO, 2010, p.38).

Outra característica da comunicação massiva, uma certa passividade - ainda que relativa, mas, aqui, assinalada ante a possibilidade de interatividade propiciada pelos meios digitais - em relação à programação, ainda pode ser percebida em tais comunidades. Vale assinalar que a telenovela, em especial, e outros programas continuam, ali, sendo objeto de conversas, de discussões, de risos, brincadeiras e



disputas após sua transmissão, um "tipo de situação em que a ressemantização como exercício de tomada de consciência tinha muito sentido" (idem, p.39).

Interessante notar que o percentual de quem disse gostar e aquele que expressou não gostar de novela é exatamente o mesmo, 33%; outros 33% não se manifestaram a respeito ou se mostraram indiferentes. Mas os comentários sobre as novelas mostram que a recepção desse tipo de programa ocorre através de uma moral extremamente forte, ou seja, a mediação de referência, aqui, parece ser relacionada à moral tanto religiosa, como àqueles valores tradicionalmente associados à população nordestina, de onde se originaram, em parte, e de forma miscigenada, os moradores das comunidades estudadas. Nada menos que 46% das falas sobre novelas atribuem às mesmas "má influência" sobre quem assiste - inclusive em relação a evasão escolar.

Agora tem uma novela aí que tá ensinando muita coisa feia. Eu ainda não assisti não, ainda nem ouvi. (...) A mulher já tá com o marido dela, mas vai com outro pra ali, fica parecendo assim, né! Isso aí é coisa que não interessa a gente ver" (N., 68 anos)

Porque foi uma decisão de não assistir mais, eu acho que começou a me atrapalhar na minha vida espiritual." (J.L., 40 anos)

Não posso afirmar se houve desistência, mas havia sim a questão do aluno faltar um dia de aula ou um tempo de aula por questão de um programa que ele queria assistir, principalmente a novela. (D.)

Ainda sobre a novela, foi possível perceber uma forte preocupação quanto à influência causada nos mais jovens. Os professores e algumas mães, por exemplo, relataram que muitas crianças que assistiam a novela "Mutantes", da TV Record, começaram a imitar os personagens da trama, agindo como bichos, mordendo e beliscando os colegas. Mas essa influência não é atribuída apenas às novelas, e sim a TV de modo geral. Nas falas, os moradores relatam que, com a chegada da televisão, os jovens estão menos obedientes e mais violentos. A falta de obediência, o não respeito aos valores dos mais velhos, da família, são apontados não apenas como tendo sido causados pela televisão, como consequência dos "novos tempos".

Uma das dimensões a se levar em conta para entender a relação entre os moradores e a televisão é a institucionalidade: "cada tela se insere socialmente como instituição", assinala Orozco (2010, p.41, trad. nossa).

Ser um meio público ou privado, cultural, educativo, estatal ou comunitário supõe, em primeiro lugar, uma maneira particular de interpelação a suas audiências. Pode-se encontrar estratégias de interpelação consumistas, de respeito, sedução, informação, autoridade, manipulatórias, honestas, etc. (...) a institucionalidade



supõe uma ideologia, através da qual se fixa, por exemplo, a agenda dos noticiários de cada empresa televisiva, aquilo que se oferece às audiências como o que é importante e a maneira de fazer sentido de sua importância. (OROZCO, 2010, p.41, trad. nossa).

Aqui é importante fazer a relação entre tais diferentes formas de interpelação. A TV Record, emissora de propriedade do bispo Edir Macedo, produz discursos cuja interpelação é muito clara: busca-se o apelo religioso, a adesão por meio da fé, do dogma. Ao mesmo tempo, os demais discursos televisivos, nessas comunidades, são essencialmente de ordem da sedução e da informação. A interpelação pela sedução (novelas, filmes) traz consigo duas formas de interpretação bastante distintas, a da adesão e a da repulsa, e que ocorrem no mesmo meio de recepção, o ambiente familiar, tendo em vista que é nesse meio que se dá a televidência.

Essa negociação de sentido pode se dar de maneira mais ou menos serena, mas também causa rupturas: há casas em que parte da família opta por não assistir certos programas, com os quais não se identifica, ficando assim com duas alternativas, a de não ver TV naquele momento (o que se viu em especial entre mulheres mais velhas, donas de casa, que concentram os afazeres domésticos de fazer o jantar e arrumar a casa em seguida), ou, mais raramente, entre jovens, que nesse momento vão assistir TV na casa de alguém conhecido.

Os noticiários causam menos divergência, são, de forma geral, quase unanimidade entre os moradores das comunidades visitadas, ainda que sempre haja gostos e preferências por determinados assuntos presentes nesses programas.

A mediação estrutural - sua situação de vida, do ponto de vista geográfico - é talvez reveladora dos motivos que levam os ribeirinhos a, de maneira quase unânime, gostarem de assistir noticiário: afinal, estão a muitas horas de viagem de uma cidade de porte médio, Tefé, que por sua vez está muitíssimo mais distante da capital do Estado do Amazonas, Manaus. Os jornais da televisão constituem-se, portanto, no vínculo dessa população com o restante do Estado, do país e do mundo, pois permitem, junto com o rádio, acessar informações que de outra forma dificilmente chegariam até eles. Vale ressaltar que nenhuma das quatro comunidades visitadas possui sistema regular de telefonia (os cabos não vão até lá). Duas delas (Canariá e Nova Olinda) não possuíam nenhum sistema alternativo de telefonia (nem celular, pois o sinal não chegava até lá, nem por rádio ou satélite, pois os equipamentos instalados pela Embratel estavam quebrados). Boa Esperança não recebe sinal de celular, mas o aparelho de telefone público da Embratel funciona (via satélite, a energia solar, das 10h às 16h); em Boca do



Mamirauá o sinal de uma das operadoras de celular chega até lá. Apenas Boa Esperança tem acesso a internet, em um único computador, na escola, que possui gerador e antena próprios. O acesso à internet é feito quase exclusivamente por professores da escola.

Mais da metade dos entrevistados disseram gostar de jornal (64% dos entrevistados gostam do noticiário, e 59% atribuem apenas valores positivos a esse tipo de programa). Mesmo que o conteúdo dos jornais que assistem (veiculados pelas redes Globo, Record e SBT) não esteja próximo da realidade dos mesmos, a importância de ficar informado parece ser relevante. É algo importante para ‘ficar sabendo o que acontece no mundo ou em outras cidades’, ‘ficar atualizado’, ‘porque mostra coisas que podemos aprender’, ‘ver a violência e o tráfico de drogas para entender e não fazer igual’. Apesar disso foram poucos os que conseguiram lembrar-se de um fato que eles assistiram ou identificar algum assunto veiculado que se relacionava com a própria vida.

Previsão do tempo, como que vai ficar na semana, como é vai correr ... é tudo assim. E ver as notícia dos acontecimentos, né, da cidade, Manaus. (F.M., 56 anos)

O jornal que eu gosto de assistir pra gente ficar sabendo do que está acontecendo. (R. 46 anos)

O jornal eu gosto porque a gente sabe de muitas notícias por aí. Eu só não gosto de assistir o jornal de notícias que tem essas mortes que tem por aí, esses terror que tem por aí, essas tempestades. (A.S., 53 anos)

Apesar desse caráter informativo e de se constituir como forma de as comunidades terem acesso ao que acontece no restante do país, a televisão não traz informações sobre as localidades, quase nada sobre o Estado e mesmo sobre o Norte do País. Conectadas por antena parabólica, a programação dos jornais é a mesma do Rio de Janeiro ou de São Paulo. Programas como os de ecologia, documentários, agricultura ou outros assuntos relacionados aos modos de vida das comunidades foram lembrados pouquíssimas vezes, associados ao conteúdo jornalístico ou ao Globo Repórter, da TV Globo. Quem consegue trazer às comunidades informações de interesse mais próximo é ainda o rádio, através de ondas curtas, emitido principalmente a partir de Tefé e Manaus. Um dos programas mais ouvidos pelas comunidades é de uma emissora de Tefé, que divulga "avisos" dos moradores das comunidades quando estão naquela cidade, ou de seus parentes, mandando recados, informando sobre questões de saúde, de trabalho, de cotidiano - por exemplo, dizendo em que barco e em que dia irão voltar de Tefé para as comunidades.



Uma das questões mais importantes que foi possível perceber em relação à recepção televisiva é de que tipo de programa os moradores dessas comunidades sentem falta, e, mais especificamente, qual assunto eles abordariam se tivessem a oportunidade de produzirem um vídeo ou programa de televisão para ser exibido na comunidade. Quase todos (92%) falaram que gostariam de tratar de assuntos educativos, como, por exemplo, ensinar jovens sobre temas relativos a drogas e gravidez precoce, temas como preservação ambiental (destino correto do lixo e aquecimento global). Houve ainda sugestões de produção de vídeos de incentivo aos estudos e programas que mostrem as dificuldades e problemas que as comunidades ribeirinhas enfrentam, devido a falta de estrutura.

...falar sobre as menores de 14 anos para não andar se envolvendo com tantas coisa, pra não engravidar, essas coisa aí.” (A.C., 14 anos)

O principal assunto seria assim as meninas, como em todo lugar né, mas elas engravidam muito cedo e isso é preocupante. Nós temos uma congregação aqui em cima onde as meninas passaram a ter marido com 9 anos, 10 anos, ficou grávida com 10 anos, quase com 11. (J.L., 40 anos)

No momento, diante do que está acontecendo, questões ambientais, problemas ambientais, o aquecimento global, o desmatamento, seria um ponto importante para a gente trabalhar. (A.)

A questão do meio ambiente e do próprio lixo que acaba interligando a questão dele, a questão do ambiente, acaba caminhando uma coisa com a outra. (D.)

Ah.. Eu vejo assim mais em relação às crianças sabe? A importância dos estudos para a vida deles, porque aqui é uma comunidade que a gente não vê as crianças motivadas para estudar. (A1.)

É sobre a melhoria da comunidade, do trabalho né! Isso aí podia montar assim um trabalho pra ajudar a todos os comunitários. (F.M., 56 anos)

Eu gostaria de mostrar aqui é... o governo desse uma olhada para as pessoas mais carentes ... quem não tem nem onde morar. Essa situação toda. A casa caindo, o temporal vem e acaba tudo. Não tem dinheiro e aí... É isso, né! (F.P., 22 anos)

No interior também. Os jornalista tem que mostrar o interior também, o que acontece nas comunidades, a situação do povo nas comunidades, o sofrimento, né?! É muita coisa! Tem que mostrar o interior também, não só a cidade. (A.M., 32 anos)

A mediação tecnológica é também essencial para compreender a relação entre as audiências e a televisão, conforme assinala Guillermo Orozco Gómez (2010). Aqui nos chama a atenção em particular - ao refletir sobre a audiências das comunidades ribeirinhas estudadas - a seguinte observação:



Ainda que o tecnológico seja fundamental, não é tudo e a experiência e fenômenos televisivos analógicos têm outras dimensões, e, por isso, enquanto essas não se transformem de maneira substantiva, continuaremos tendo o mesmo tipo de televisão por muitos anos mais, não obstante os 'apagões analógicos anunciados para a década seguinte' (44).

Nas comunidades ribeirinhas sequer existem tais possibilidades. Ainda assim vale retomar, ainda, o mesmo pesquisador mexicano:

a constatação generalizada em países latino-americanos de que, apesar da chegada dos canais a cabo e por satélite, com definição muito melhor e 'novas propostas', segue-se preferindo, em muitos setores da audiência, os mesmos canais abertos, em lugar dos novos canais próprios da televisão por assinatura, é evidência por si só de hábitos, rotinas e preferências difíceis de modificar de maneira profunda e instantânea (idem, p.45).

Mas, como se destacou anteriormente, as tecnologias digitais chegam, ainda que em ritmo mais lento que em outras regiões do Brasil - e não apenas as tecnologias, novas formas de ver o mundo, de ver a vida.

Entre as audiências jovens, a assimilação das novas telas e a criação de culturas juvenis próprias com e a partir dessas telas, conferindo-lhes novos usos e funções e, ao mesmo tempo, assumindo novas maneiras de estar e ser como audiências e usuários frente às telas, constitui um dos cenários de fronteira mais efervescentes e, portanto, desafiante para a compreensão do ecossistema midiático informático de nosso tempo e para o entendimento da formação de sujeitos sociais e dos cidadãos contemporâneos (idem, p.46)

6. Comentários finais

O perfil conservador e religioso da maior parte dos moradores, em especial daqueles mais velhos, faz com que a relação que se estabelece entre audiência e televisão se dê de maneira tensa: as novelas, e também muitas vezes os filmes, são vistos com desconfiança, até certa repulsa. Isso se verifica com maior força entre os evangélicos - e a comunidade do Canariá foi, como vimos, aquela que esteve presente com maior intensidade neste momento da pesquisa, uma comunidade em que a presença do pentecostalismo é muito intensa, inclusive pela ausência de um padre católico que ali estivesse para oferecer aos moradores o apoio religioso. E a religiosidade do Norte do País, em grande medida, se identifica com certos elementos do pentecostalismo, facilitando a disseminação dessa fé. A existência de um canal aberto (TV Record) de propriedade de um bispo da Igreja Universal faz com que essa emissora tenha muitos moradores ao menos acompanhando sua programação - mesmo aqueles programas que nada têm de religioso, como a série estadunidense CSI - Crime Scene Investigation.

A importância desses valores religiosos e conservadores permeando a relação com a televisão ganha também importância porque tais comunidades são extremamente



reduzidas. As comunidades imediata e de apropriação se entrelaçam de forma muito intensa: as mediações situacionais, próprias da comunidade imediata, se confundem muitas vezes com as mediações institucionais, da escola, da igreja, tal a relação direta e permanente que todos os moradores possuem, entre si.

Os laços de vizinhança são também muito comuns - poucas famílias "estranhas" são admitidas para viver nas comunidades, que buscam se preservar de pessoas desconhecidas, por medo da violência que daí possa advir, e pelo receio de ter que dividir espaços de roças e a infra-estrutura já obtida pela comunidade. Os valores que a televisão mostra, a vida nas grandes cidades, com a violência que se vê tanto nas novelas como nos noticiários, acabam talvez aumentando o sentimento de autopreservação dessas comunidades, e, ao contrário do desejo de viver nessas cidades que a TV apresenta, muitas vezes o que se percebe é a valorização da vida calma e sossegada que eles levam (em comparação com aquilo que se vê na televisão em relação às metrópoles). Ao invés do desejo, tais cenas na TV (além da violência, a vida classe média consumista carioca e paulistana) muitas vezes causam estranhamento e/ou raiva: afinal, além da tranquilidade, e da valorização da família e de uma moral cristã, que a TV questiona ou combate, os ribeirinhos sabem que a vida na cidade depende de algo que eles praticamente não têm: dinheiro.

Um dos entrevistados destacou: chega a viver um mês sem gastar nenhum centavo. A farinha de mandioca, as frutas, vêm da roça; o peixe, do rio. Talvez seja em parte exceção, em parte exagero, mas é isso que se vê: o que se consegue vender, de farinha de mandioca excedente às necessidades da família e do peixe, na época em que o manejo permite a venda do pescado mais valorizado, em grande parte permite que os moradores obtenham o dinheiro necessário para aquelas compras de "mercadorias", aquilo que vem de fora, que é sempre o mais caro. O resto são "produtos", fruto de seu trabalho ou do que foi produzido pelos demais moradores, e que sempre se pode pedir, trocar ou, também, comprar.

Os moradores mais antigos valorizam a vida "de antes" da televisão, que é também anterior, praticamente, à chegada da energia elétrica nas comunidades. A vida "de antes" é vista como sem violência, quando os filhos obedeciam aos pais, ficavam em casa. Nessa medida, ter deixado de ter essa vida é uma perda, é algo lamentado. Mas era a vida em que não se enxergava nada à noite, a luz era apenas de lampiões a querosene, em que quase não havia escola para os filhos, informação só no rádio de pilha. Nesse sentido, a vida de agora não é lamentada, é um ganho. Muitos moradores



ligam a televisão assim que o gerador de energia começa a funcionar na comunidade, e só vão desligar o aparelho quando o gerador é desligado, mais tarde. A televisão é um dos aparelhos, por assim dizer, da "modernidade" mais presentes no cotidiano dos ribeirinhos - e um dos únicos. É acompanhada, por exemplo, de liquidificador: quando o gerador funciona, há moradores que aproveitam para "fazer um suco". Outros ligam freezers, e há elogios diversos a se poder ter água gelada. O gerador funciona poucas horas por dia, assim os freezers não garantem a preservação de alimentos. Não há como se ter qualquer gênero perecível - um problema, por exemplo, quando pensamos até mesmo em vacinas antiofídicas, algo que é algo absolutamente de primeira necessidade, e que não se vê ali. Mas quem pode compra um freezer, para ter água gelada algumas horas por dia.

Em uma das comunidades, Nova Olinda, o gerador comunitário estava quebrado havia duas semanas quando foi feita a visita. A percepção que os moradores mostram, de maneira generalizada, é que a vida piorou nesse período: não têm luz (são obrigados, como dizem, a jantar no escuro, antes de dormir), não tem televisão, não têm sequer como carregar as pilhas recarregáveis, no caso de quem tem esse tipo de alimentação para o rádio.

Portanto, o tempo "de antes" e "de agora" convivem nessa ambiguidade, ambos são bons e ruins. O ribeirinho, como quem pensa no presente, vê o passado com os olhos de agora, e não se vê na contradição. A televisão, da mesma forma, é vista como algo que difunde esses valores "anticristãos", mas também como uma maneira de se ficar informado daquilo que acontece, uma forma de diversão. Dependendo de como se vê, e quem, e de que maneira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2008.
- LIMA, Deborah de Magalhães. **A Economia Doméstica em Mamirauá**. Tefé : Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá - IDSM [relatório; s/d]
- MICELLI, Sérgio. **A noite da madrinha**. São Paulo : Perspectiva, 1972.
- OROZCO GÓMEZ, Guillermo. Del acto al proceso de ver televisión; una aproximación epistemológica. Em: OROZCO GÓMEZ, Guillermo. **Recepción televisiva**; tres aproximaciones y una razón para su estudio. Cuadernos de Comunicación y Prácticas Sociales, n.º 2. México : Universidad Iberoamericana, 1991. Pag. 27-40.
- OROZCO GÓMEZ, Guillermo. Audiencias y pantallas. Lo nuevo, lo viejo y lo que viene. Em: CASSANO, Giuliana (ed.) **Televisión**: 14 formas de mirarla. Lima : Pontificia Universidad Católica del Perú, 2010. Primera edición. Pp. 35-52.